

*Tudo se ilumina  
para aquele que  
busca a luz.*

BEN-ROSH

# הַלָּפִיד

*...alumia-vos e  
aponta-vos o ca-  
minho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)  
Avenida da Boavista 854 - PORTO  
—(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIARIO DO PORTO, L.da  
Rua de S. Bento da Victoria, 10  
PORTO

## Sinagogas da Argelia



Sinagoga Belcourt  
em Argelia



Grande sinagoga  
de Argel

# A Revolução contra a Roma Imperial

## nos anos 65 a 70 da Era vulgar

...Infelizmente, a única fonte, onde é possível estudar a Revolução judaica dos anos 65 a 70, é a obra de Flavio Joseph, que foi uma testemunha ocular destes acontecimentos, mas era um *emigrado*, que detestava e desprezava todos os chefes do partido adverso. Felizmente, Joseph, homem fino e habil, não era um historiador no sentido moderno da palavra, mas um cronista. Não só se contradiz varias vezes, mas também é incapaz de dissimular inteiramente os manejos dos seus adversarios. E' o que permite compreender os acontecimentos da Revolução judaica segundo os proprios escritos de Joseph.

Sob a influencia dos ensinamentos dos profetas e da literatura apocalitica, que ensinavam que Israel era o povo escolhido por Deus e que todos os filhos de Israel eram iguais perante o Senhor, uma agitação popular nasceu na Judeia contra a dinastia de Herodes. Ela visava a crear um Estado onde todos os filhos de Israel seriam iguais perante Deus e onde reinaria entre os homens uma egualdade absoluta. Este movimento conduziu á formação de duas seitas. Elas tiham de comum o principio da egualdade economica e, porisso, a supressão do dominio dum homem sobre outro. Elas só diferiam nos meios de realisarem os seus fins. Uma pode ser chamada *apocalitica* e a outra a *quarta filosofia*.

A primeira era religiosa na sua essencia, opunhe-se a toda a violencia e pregava não só a não resistencia, mas também o amor do inimigo. «Se um homem procura fazer-te mal, faz-lhe bem, vae-te e ora por ele» escreve Joseph no *Testamento dos doze patriarchas*.

Mas avisavam-se os ricos de que era mais facil a um camelo passar pelo fundo duma agulha que um rico entre no reino dos ceus.

A segunda seita era revolucionaria e sustentava que a força era necessaria para estabelecer a egualdade entre os homens. Os que se opuzessem a estas ideias eram inimigos e deviam ser compelidos pela violencia. Ao terror era preciso opôr o terror e o

reinado da corrupção só podia ser suprimido pela força ao serviço do direito,

Joseph culpa as duas seitas pela tomada de Jerusalem e pela destruição do templo. Chama ladrões e bandidos aos adeptos da quarta filosofia, ao mesmo tempo que chama doidos aos da Apocalipse.

Eis os termos em que se exprime: «Havia ainda um partido de scelerados, cujas acções eram menos impuras mas cujas intenções eram peores, e, mais que estes assassinos, conduziram a cidade da prosperidade para a ruína.

Estes homens enganavam e abusavam do povo cobrindo-se com a inspiração divina, mas eram partidarios de inovações e de mudanças no governo. Eles persuadiam assim a multidão para que agisse como doidos e precederam-na no deserto pretendo que Deus lhes mostrava lá o sinal da liberdade. (Guerra dos Judeus, II, XIII, 4.)

Não creio que seja possível aceitar o *verdictum* de Joseph. Conhecemo-lo como um aventureiro, que se tornou general do exercito galileu por motivos muito pessoais, prompto a trair os judeus ao primeiro revêso; não podendo fazer confiança nele. *Emigrado*, ele detestava os seus inimigos e pintava-os com as sombrias cores do odio. De resto ele mesmo admite, numa outra passagem, que os sicarios ou adeptos da quarta filosofia tinham uma grande dedicação pela liberdade e que, segundo eles, Deus devia ser o unico chefe e o unico Senhor (Antiguidades Judaicas XVIII, 1,6).

De mesma forma, no discurso que põe na boca de Eleazar, o ultimo chefe dos Sicarios, antes da queda da fortaleza de Masadab, faz-lhe dizer:

—«Ha muito tempo que resolvemos não ser mais escravos dos Romanos, nem de quem quer que seja senão do proprio Deus, que é o verdadeiro e justo senhor do genero humano; eis que chegou o tempo de pôr em prática esta resolução... Nós fomos os primeiros a revoltarmos-nos contra eles e somos ainda os ultimos a combater-los. Não posso deixar de acreditar que Deus nos con-

cede um grande favor: está ainda em nosso poder o morrer valentemente e como homens vivos.» (Guerra dos Judeus, VII, VIII, 6).

Estas ideias não podem ser as de ladrões, como Joseph nos queria fazer acreditar. Além disso, julgo que é fazer uma falsa ideia da historia, acreditar-se que ladrões e bandidos eram capazes de forçar uma nação a ir para a guerra. Era bem preciso que eles tivessem principios susceptíveis de entusiasmar os seus concidadãos.

A seita da quarta filosofia foi organizada por Judah da Galileia e formou-se no ano 7 da era vulgar, quando Cirenus veio de Roma para lançar impostos na Judeia. Judah incitou os judeus a revoltarem-se contra os Romanos, dizendolhes que pagar impostos a estes equivalia a tornarem-se seus escravos.

Apesar de Judah ter sido morto e a revolta reprimida no seu começo, as suas ideias foram retomadas pelos seus filhos e seus discipulos, que se agruparam e combateram os Romanos assim como as autoridades judaicas. Um dos seus principais chefes foi um certo Eleazar Ben-Dinai. Os Romanos e as autoridades judaicas pararam o movimento tomando medidas muito severas, e Eleazar, encadeado, foi enviado para Roma. Mas, apesar de momentaneamente dispersa, a seita não renunciou á luta. Os seus membros consideravam como traidores ao seu paiz os que não partilhavam da sua maneira de ver. Sabendo que era apenas uma minoria e conhecendo a viva hostilidade das autoridades judaicas para com eles, procuraram apoderarem-se do poder pelo terror. Desembaraçar-se-iam dos homens eminentes ou influentes que sabiam favoráveis aos Romanos assassinando-os com o *sica* (espécie de punhal curto) o que motivou o nome de sicarios. Recorreram a este metodo terrorista a fim de que ninguém se sentisse em segurança para exprimirem ideias contrarias ás suas.

Joseph acusa-os de terem morto muitos judeus ricos e terem pilhado os seus bens, levando-lhes os rebanhos e incendiando-lhes as casas. O proprio grande sacerdote Jonathan foi morto pelos sicarios. Tanto se opunham ás autoridades judaicas como á autoridade romana e consideravam Jonathan tão hostil aos seus interesses como o proprio governador romano; e porisso o mataram. E' possivel que Jonathan não tivesse sido morto por eles; é possivel tambem que não tives-

sem despojado nenhum judeu afortunado. E' possivel que os proprios romanos fomentassem esses crimes com o fim de desacreditarem os revolucionarios perante a população e domina-los ao mesmo tempo que ao povo judeu.

(Continua)

Extracto dum estudo do Prof' Salomon Zeitlin, de Filadelfia.

• • •

## Dissertação sobre o Messias

(Continuação do n. 33)

### CAPITULO VI

«Que os milagres não bastam para confirmar as verdades Divinas, nem para fazer reconhecer os verdadeiros Profetas».

A maior parte dos Cristãos fundamentam a verdade da sua doutrina sobre os brilhantes milagres que eles afirmam que o seu Messias fez e dizem aos Judeus que, se eles recusam acreditar em todos os que são enunciados nos Evangelhos e Actos dos Apostolos, eles refutarão pelos mesmos argumentos todos os que se encontrarem na Sagrada Escritura, sem se lembrarem que não é senão tendo fé em tudo o que está escrito no texto sagrado que eles podem ter um messias, pois que eles podem provar a sua vinda senão pelos Profetas.

A diferença que ha entre os milagres que estão insertos no Pentateuco e os que os santos homens fizeram é muito considerável.

Os primeiros são a obra imediata do Senhor para instruir o povo da sua Divina vontade e fazer-lhe observar os seus mandamentos: os outros tem sido feitos para persuadir o mesmo povo de seguir mais exactamente a lei de Deus para se desligar inteiramente do vicio e merecer por um sincero arrependimento a clemencia do Senhor.

As suas profecias não contém senão a exposição e o detalhe das desgraças com que a justiça celeste os deve abater se eles continuarem a viver na idolatria, no parricidio, em uma palavra nos horrores dos crimes mais enormes e quando as suas ameaças eram acompanhadas de milagres, não há em todos os escritos dos Profetas que anuncie qualquer invocação na lei nem no culto que Moises lhe tinha prescrito.

Quando se elevar algum Profeta entre vós ou algum narrador de fantasias, se para vos fazer acreditar o que eles dizem e fazem algum milagre, se o que eles fazem de extraordinário é para vos persuadir de seguir Deuses que vossos pais nunca conheceram, não escuteis as palavras destes Profetas, nem acrediteis nos seus milagres mesmo quando os verdes, e fazei-os secumbir. Neste caso o milagre é verdadeiro e o Profeta é falso.

Não são pois os milagres que provam a verdade da lei e é preciso que o Profeta seja da Missão Di-

vina e que ele não pregue uma nova doutrina que derrube a que Deus deu e que por isso mesmo deve ser eterna.

Não há nada mais fragil que o homem: êle deixa-se facilmente reduzir por os discursos estudados, por as provas exteriores duma devoção affectada. Para prevenir os males que tais homens possam trazer á sociedade civil, aquelle, diz Deus pelo seu Profeta, que fór assaz hardil para juntar em meu nome o que eu não lhe ordenei, será punido de morte, mesmo quando tudo o que êle disser seja conforme com a minha lei e meus estatutos. Porque tomar precauções que parecem tam pouco necessárias, pois que êste Profeta não prega senão a lei de Deus? porque certamente êle quer introduzir alguma nova doutrina que astutamente envolve na verdade, e que espera, se o escutam, destruir a verdadeira lei para assim fazer receber uma conforme as suas ideias e os seus designios particulares.

Aconteceu muitas vezes que Deus para pôr á prova a seu povo se serviu destes impostores que nunca foram seguidos senão por creaturas duma vida desregrada, e que acreditam evitar a punição dos seus crimes abraçando novas opiniões. Os sinais que devem ter os verdadeiros Profetas que são inspirados por Deus são tam claramente enunciadas no texto sagrado, que é impossível um engano.

Maimonides (1) prova com tanta evidência que os milagres não são suficientes para fazer reconhecer o Profeta, que eu julgo necessário citar palavra por palavra uma prova tam incontestavel.

Israel, diz êle, nada crê nos milagres que os nossos mestres tem feito.

Ele não liga fé ás provas que êles lhe tem dado, porque acreditou sempre que havia algum sortilégio ou qualquer apparencia enganosa cujo fim era de o surpreender, ao passo que os milagres de Moisés são feitas por oportunidade e por necessidade.

Eram somente para provar a verdade da Profecia: como partia dum orgão divino, os Israelitas convenciaram-se mas sôbre a margem do Mar Vermelho em vista dum exército que reina lançar-se sôbre êles, era preciso salvá-los do terror que lhes causavam os inimigos formidaveis, e abriu-lhes uma passagem por meio das águas que êle separou e que em seguida pintou logo que os Egipcios entraram a fim de os absorver todos. Quando os Israelitas se encontraram atormentados pela sede no deserto, o sábio conductor foi obrigado a partir o rochedo para dêle fazer saír água.

Todos êstes milagres não fazem o Profeta, foi a necessidade que os produziu. O único milagre que pode provar a Profecia, é aquelle o Senhor fez sôbre o monte de Sinai, êle se manifestou aí ao seu povo, êle aí se fez ouvir por os estrondos do trovão, e por tudo o que prova evidentemente a Divindade da Profecia. Com efeito esperar de todos os milagres brilhantes que Moisés fez no Egipto, pode-se ainda duvidar da verdade que êle annunciou aos Israelitas e era preciso ainda alguns milagres e algumas notas mais esclarecedores da sua missão para não lhe deixar o menor escrupulo. Ora nada prova melhor a verdade dum feito que o depoimento das testemunhas que declaram todos duma mesma maneira e sem nenhuma alteração. ao que viram.

Quando Deus declarou as suas vontades, quando E'le pronunciou as suas santas leis sôbre o monte Sinai com os prodigios assombrosos, os Israelitas foram todos testemunhas a fim de que nenhum dêles podesse duvidar do milagre. Qual foi o efeito dê-te prodigio? Eles receberam todos no mesmo instante esta lei e êstes mandamentos que devem servir-lhes de regra bem como á sua posterioridade, afim de merecer uma distincção tam fulgurante e tam singular á exclusão de todas as outras nações.

Eis o que fez a verdade do milagre e o que faz conhecer que o Profeta é inspirado de Deus.

Nós vemos no exodo que quando Moisés foi dizer a Pharaó para deixar sair do seu reino os Israelitas afim de que êles fossem gozar a herança de seus pais, os milagres que êle fazia foram suficientes para convencer o Principe que era enviado de Deus; mas quando foi preciso separa-los das outras nações e dar-lhes uma lei e os preceitos a que deviam ficar sujeitos para a perpetuidade, Deus veio E'le Proprio, anunciar-lhes o que devia sér a repreda sua vida, para lhes fazer conhecer e para melhor lhes provar no seu coração que nem o número nem a grandesa dos milagres os devem surpreender, e que se êles diferissem na menor circumstancia daqueles que Ele tinha feito dando-lhes a santa lei, a mais ligeira differença os devia convencer que os milagres e o Profeta que os fazia, não eram de missão divina.

Há uma coisa bem notavel no texto sagrado, Deus fez valer ao seu povo escolhido muito tempo antes de o fazer sair do Egipto que lhe queria dar uma lei e os preceitos para os separar das outras nações.

O primeiro sinal desta reparação foi a ordem que deu ao Patriarca Abraham de circuncidar seu filho Isaac e depois dêle todos os seus descendentes para a perpetuidade. Não teria mantido senão José quando ele governava despoticamente no Egipto de corar todos os seus irmãos e toda a sua familia com tudo o que havia de mais distinto neste Reino: não havia ao todo mais que setenta pessoas; êle não sairia por muito tempo des'a mistura para fazer esquecer aos filhos de Jacob o que Deus tinha ordenado a seus avós. Estariam todo idolatras em menos de um século, tanto mais que a lei ainda não era dada: é pois evidente que Deus tinha feito conhecer a Joseph e a seus irmãos que êles deviam sér um dia separados das outras nações, o que devia convencer todo o mundo que os milagres não são a hora fundamental da nossa lei.

## CAPITULO VII

«Deus conduziu os Israelitas no seu captivoiro com os mosmos sinais de que se serviu para os conduzir no deserto».

Os sinais que serviram de guia aos Israelitas para os impedir de se enganar no deserto ficaram permanentes se bem que não fossem mais vistos. Os tormentos, os opróbrios, a perseguição e a miséria que os Judeus tem sofrido desde o primeiro captivoiro são as instruções que lhes fazem evitar os perigos que encontram a todo o momento para os desviar do culto da sua religião.

No seu primeiro captivoiro os Babilónios trataram-os com maior ferocidade do que os leões e as panteras tratam os viandantes que caem desgraçadamente em seu poder.

(1) Tratado da observação de Lei, cap. VIII.

Quando os Gregos e os Romanos os subjugarão, emitaram os seus primeiros perseguidores.

Nós vemos reinar desde há muito tempo em Espanha a mesma perseguição. Não é pois senão este divino jachio esta nuvem celeste que os guia que se deve atribuir a sua firmeza e a sua constância. Iluminados por estas divinas luzes eles persistem na lei de Moises e esperam o termo das promessas que Deus lhes fez, e que foram confirmadas pelos Profetas.

Eles estão certos de vêr o fim da sua dispersão e de verem um dia todos reunidos na herdade de seus pais; sabem que aí serão governados por um Rei cheio de sabedoria e de justiça, que lá viverão numa paz perfeita e que aí serão acumulados de tantos bens e gosarão duma felicidade tam tranquila que esquecerão tudo o que têm sofrido; a esperança de vêr este tempo afortunado assim como a infalibilidade das promessas divinas os fortifica na sua religião apesar da sedução.

Na verdade encontra-se quem não podendo resistir aos tormentos declaram, para salvarem a vida, que são cristãos, mas estes sentimentos não partem do coração e não fazem nele impressão. Apenas são postos em liberdade que eles saem dum estado onde devem necessariamente ofender Deus e vão procurar um asilo no qual eles possam por um arrependimento sincero merecer a misericordia de Deus e observar as santas leis.

Provas tão evidentes devem convencer os mais obstinados da verdade da Religião dos Judeus. Eis aqui uma que não é menos eficaz.

Quando Fernando e Isabel, pelo funesto conselho do Cardial Ximénes, obrigaram os judeus a sairem do seu reino ou a batisarem, os que, por desgraça, tomaram sempre no seu coração a lei de seus pais, eles a ensinavam aos seus filhos e procuravam por estes actos exteriores fletir a cólera de Deus.

As perseguições que se fizeram sempre desde a sua conduta, os obrigaram a occultarem-se de seus filhos os quais faziam educar na religião catolica até à idade de vinte anos, depois do que os pais levavam sem custo estes novos convertidos a fazerem-se circuncidar e a abraçarem a lei de Moisés. Não se vê, nas outras religiões, revoluções tão prontas nos espiritos e nos corações.

Servem-se de toda a especie de meios para obrigarem os Calvisustas e Luteranos a fazerem-se catholicos, ainda que eles concordem entre si sobre o artigo messias.

Os mahometanos nunca poderam convencer ninguém da ortodoxia dos seus dogmas senão fazendo-os optar entre a morte e o Alkoran.

Donde vem esta diferença tão consideravel entre a Religião dos Judeus e a das outras, nações. E' que Deus é o autor da primeira e que as outras são inventadas pelos homens e feitas com tanta confusão que elas produziram varias seitas diferentes que impedem os que as abraçaram de distinguir a que é a mais segura e a mais capaz de os conduzir no caminho da salvação. A libertinagem produziu outróra seitas entre os judeus. Os saduceus, os fariseus e os caraitas tinham opiniões diferentes sobre o cerimonia da lei e sobre a immortalidade da alma. Mas elles tinham todos a mesma fé sobre a unidade de Deus, eles observavam os seus comandantes duma mesma maneira. Ha muito tempo que todas estas seitas estão abolidas e nós vemos, ha vários seculos, os israelitas errantes e dispersos nos quattros cantos do mundo seguir esta lei da mesma maneira. O seu culto não é diferente,

eles fazem as mesmas orações, ninguem lhes pode disputar a vantagem que elles teem sobre as outras nações. Pelo que diz respeito aos seus sentimentos, todas as pessoas sensatas concordarão que elles só podem perseverar nisso constantemente, como fazem, por uma providencia muito particular de Deus, que quer convencer as outras nações que apenas em fervor do seu povo escolhido ele fez um milagre tão brilhante.

O sábio Grotius no seu tratado sobre a religião cristã não pôde negar esta verdade; «a perseverança», diz ele, com a qual os judeus estão dispersos pelos 4 cantos do mundo e observam a lei de Deus, que receberam de seus pais, remontando isso até Moisés que a recebeu do Senhor, apzar de todos os oprobios que sofreram e que ainda sofrem, devem convencer todas as nações da verdade desta lei. Desde que o poder e a força faltaram às outras, todas elas foram destruidas.

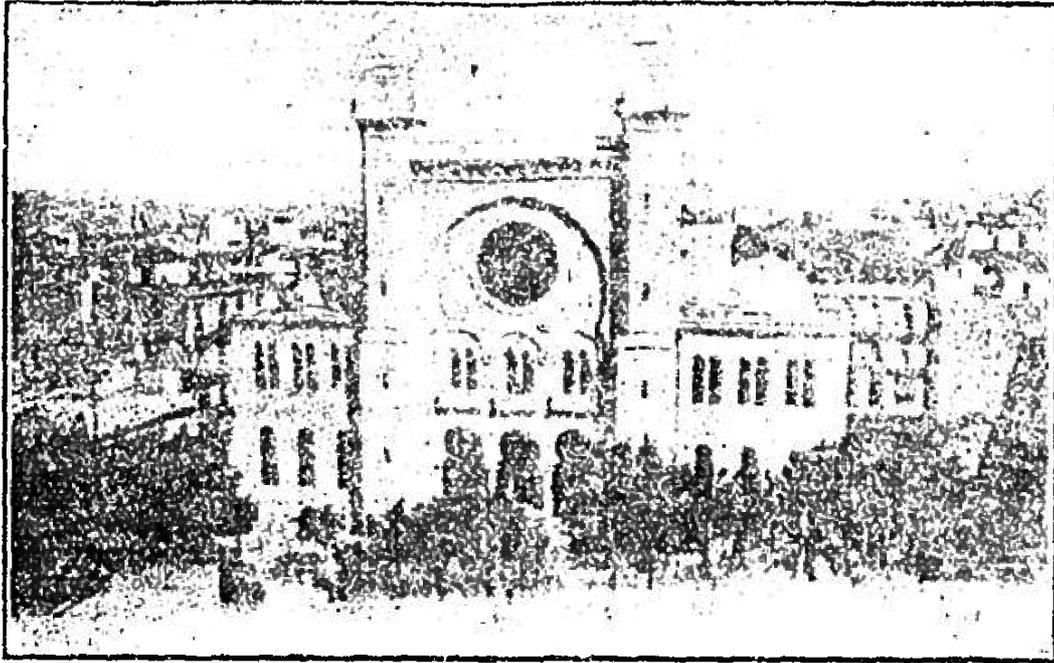
Ha muitas observações a fazer sobre estas palavras. A primeira que é só pela força que se estabeleceram as outras religiões foram estabelecidas e que só o poder e a força as fazem subsistir. Sem falar do Paganismo, do Mahometismo e de outras religiões semelhantes, reparémos no Cristianismo. Vê-se todos os dias a metade dos cristãos armados para destruir a outra, a menos que ela não adopte os seus sentimentos. As perseguições, as violencias, as Dragonadas que nós vimos empregar em França para destruir o Calvinismo, não tendo produzido nenhum efeito as razões dos missionarios, tornam esta verdade incontestavel.

As vantagens que o Imperador Constantino lhes concedeu sobre os pagãos, feriram os fundamentos da sua idolatria, e a força contribuiu mais para a sua conversão do que as razões que se lhes poderiam dar para os convencer dos seus erros. Mahomet estabeleceu os seus dogmas extravagantes pelo ferro e pelo fogo. Um exercito bem aguerrido introduziu o Alkoran entre os barbaros, e este chefe de saltadores ainda se faz reverenciar como um dos maiores Profetas na maior parte do mundo; e como os cristãos se ufanam de exterminar esta seita abominavel, os mossulanos se ufanam da mesma forma em abolir o cristianismo e de obrigar os cristãos a seguir o seu culto. Estas religiões são obra dos homens e por consequente expostas a seguirem a vontade do mais forte.

Talvez algum conquistados, terá um dia vontade de as destruir ambas e de estabelecer uma da sua invenção.

Eis a diferença da religião dos Israelitas, Deus que é o autor dela e que a deu para perpetualidade, a sustenta apazar dos oprobios, os tormentos e as perseguições contínuas e gerais que alligam o seu povo. A força dos potentados, que reinam sobre a terra não poderia destrui-lo, e todas as razões de que se servem os cristãos mais sabios para fazerem mudar os israelitas, não fazem a menor impressão sobre os seus espiritos: Estes divinos fachos os iluminam sempre e os impedem de se transviarem no seu caminho.

A maior parte das mudanças que os cristãos fizeram nos preceitos da lei antiga tiveram por objecto facilitar o ali havia de incomodo substituindo-lhs por melos que lisongeassem as paixões dos homens. O sacrificio da circuncisão oferece á nossa vista um espectáculo mortificante: quatro gotas de agua com que se orvalha a creança nada tem de doloroso, nem de desgostante, e é por uma politica tão artificiada que muitas pessoas esqueceram que Deus tinha contratado



Grande sinagoga de Oran

este facto com o Patriarca Abraham e os descendentes para a perpetuidade. A visão de S. Pedro, apesar de quimerica, fez muitos cristãos: esta toalha coberta de animais imundos que um anjo lhe trouxe e lhe deu a comer fez uma terrível impressão sobre o espirito de vários libertinos que, para satisfazerem a sua gula, acomodaram-se numa lei de que não constringia o seu apetite e esqueceram as proibições que o Senhor fizera de comer alguns destes animais.

Os apóstolos que introduziam dogmas tão perniciosos, faziam-no com muita precaução, sabendo bem que seriam punidos logo que fossem descobertos. Nós não temos nada a dizer-vos, vós tendes a lei de Moisés, que deve servir-vos de regra, diziam eles. O que faz ver que eles não ousavam discordar da verdade e que eles não davam parte dos seus novos sentimentos senão ás pessoas que tinham já muita inclinação para a libertinagem, que não seguiam a religião de seus pais seuão por obrigação e que achavam a maneira de viver que os novos convertidos lhes estabeleciam muito mais comoda que a que é proscrito aos israelitas. Uma moral relaxada tem muitos atractivos para a fragilidade humana.

A permissão que Intero e Calvino deram aos padres para se casarem atraiu para a sua doutrina a maior parte das pessoas que os catholicos obrigavam a guardar o celibato. Eles lançam o raio da excomunhão, consideriam a eterna condenação e os autores desta mudança e os que a praticam.

Mas porque aboliram eles dois preceitos que o Senhor deu aos israelitas para a perpetuidade, a circumcisão ordenada no genésio e a proibição de comer animais imundos feita no deuteronomio. Jesus Cristo e seus apóstolos são mais perfeitos que Deus? As suas leis devem ser preferidas á que foi dada na montanha do Sinai?

E' permitido acreditar, sem impiedade que Deus muda de sentimentos depois dum tempo determinado? Ou que encontrando imperfeição no primeiro culto, que elle ordenou, queira rectifica-lo por leis diferen-

tes? Que segurança poderíamos nós ter que as novas ordenações seriam mais permanentes que as primeiras?

#### CAPITULO VIII

«Que a nossa fé deve acomodar-se ás revelações divinas».

A forma como o Senhor pretende que confiemos nas revelações divinas é tão claramente annunciada no texto sagrado que é o impossivel não a compreender. O Profeta deve acreditar em Deus quando Ele lhe fala immediatamente, mas quando não e senão uma influencia divina, que introduz a revelação, é permitido ao Profeta duvidar dela. Sarah, Samuel, Gedeão duvidaram, porem quando Deus se comunica a um Profeta apodera-se tão bem do seu espirito que ele não poderia duvidar que é a vontade divina que o obriga a anunciar os oráculos que Ele lhe revela. O povo deve ter um outro principio após a revelação de Sinai; devem acreditar todas as verdades que lhe são diviuamente reveladas, é um dos principios da lei.

Os Profetas que vieram depois de Moisés não puderam, nem deviam anunciar aos israelitas nenhuma nova doutrina, assim nós acreditamos que as suas revelações só consistem em os exortar com toda a sinceridade que eles julgaram dever empregar, a seguir esta santa lei, a observar estes santos preceitos para merecer a graça do Senhor. Todos eles ameaçaram o povo com mais duros castigos se eles continuassem a viver na desordem em que estavam mergulhados, se eles adorassem por mais tempo deuses estrangeiros, que os seus pais não tinham conhecido, e como a colera dum pai nunca vai até exterminar os seus filhos, Deus que se nomeia varias vezes ao pi deste povo, rebelde no texto sagrado, o avisa pela boca dos Profetas de todas as desgraças ás quais será exposto para expiar os seus crimes, e lhe assegura que depois duma reforma inteira dos seus costumes, depois

duma penitencia sincera, depois dele regressar a Deus de todo o seu coração, Ele lhe fará sentir a sua bondade paternal reconduzindo-o para a herança de seus pais, reunindo-os dos quatro cantos do mundo onde a sua colera o dispersou e dando-lhe um rei para o governar em paz.

Eis em que consiste a missão dos Profetas; nenhum deles pregou um novo dogma. Os israelitas que viviam no seu tempo, apesar de mergulhados em todas as especies de vícios, revoltar-se-hiam contra o Profeta que ousasse dizer por ordem de Deus, por revelação divina, vinha fazer a menor mudança na Lei. Isto não quer dizer que se Deus o tivesse querido não o pudesse fazer, mas ele não quiz que nenhum dos seus filhos corrompidos na libertinagem, pudesse dizer que esta santa Lei emanada da sua boca para ser observada perpetuamente, estava sujeita á menor alteração ou á mudança mais imperceptível. E' vão que os Cristãos pretendem iludir uma razão tão convincente; é preciso que eles concordem ou que façam ver aos israelitas que Deus não ordenou a circuncisão senão por um tempo limitado, que Ele não proibiu para sempre de comer sangue ou animais imundos, que Ele permitiu de transferir o dia de Sabbat para o domingo.

Os cristãos não podendo negar estas mudanças que são formalmente ordenadas nos mandamentos da sua Igreja, assim como todos os ídolos de cujos altares estão ornados, contra a proibição expressa do Senhor que diz no decalogo: «Não farás imagens talhadas á minha semelhança; eles devem mostrar aos judeus os logares da Escritura onde o Senhor lhes permite fazer estas mudanças e de formar esta doutrina tão contrária e tão injuriosa para a que Moisés lhes ensinou por sua ordem.

Se eles o podem provar, converterão sem dificuldade todos os israelitas. Eles reconhecerão todos os Messias que os cristãos adoram como o verdadeiro Messias, eles confessarão que é este Profeta inspirado de Deus que eles por tanto tempo desconhecaram; mas como este povo acolhido tem um conhecimento certo de Deus, ele tornou a sua fé pura e inalteravel. Com effeito os milagres brilhantes que Deus fez no Egipto perante todo o povo e em presença dos proprios egipcios, a passagem do mar vermelho que se seguiu a estes milagres não foram ainda suficientes, para tornar a sua fé inabalavel, foi preciso, diz o sabio Arius Montanus, que eles ouvissem a voz do proprio Deus sobre a montanha do Sinai, esta voz divina, esta visão beatifica estabeleceu e consolidou a sua fé para toda a eternidade

F I M

OROBIO DE CASTRO.

Judeu bragançano do seculo XVII

• • •

## Publicações recebidas

*Les vestiges de l'espagnol e du portugais chez les israelites de Bayonne* por Alberto Levy, banqueiro e administrador da Caisse d'Epargne do Bayonne. Colaboraram neste trabalho tambem Albert Lion e Gabriel Pe-reyre.

# Comunidade Israelita do Porto

## Relatorio e Contas dos anos economicos de 1928-29 e 1929-30

Ex.mas Senhoras e Senhores:

Cumpre-nos levar ao vosso conhecimento a maneira como se administraram os bens desta Comunidade, relativamente aos anos economicos de 1928-29 e 1929-30. Pela analyse dos respectivos mapas verifica-se que a situação tem sido desafogada devido á valiosa ajuda financeira dos nossos correligionários de outros paizes, merecendo atenção especial a contribuição do prestimoso Portuguese Maranos Committée, de Londres.

Durante o ano economico de 1928-29 desenvolveu-se duma forma notavel a instrução israelita tanto no Porto como na provincia, tendo sido inaugurada a Sinagoga de Bragança e fundada a Comunidade da Covilhã.

Para consolidação desta Comunidade adquiriu-se um terreno de 1.200 m.2 para nele ser construída uma sinagoga. onde dignamente seja praticada e ensinada a religião israelita.

No ano economico de 1929-30 activou-se a construção da Sinagoga graças aos grandes donativos do Portuguese Maranos Committée e do Ex.mo Sr. Barão Edmond de Rothchild, de Paris, para os quais vão os nossos mais calorosos agradecimentos; continuou-se a obra de instrução por meio de publicações e por algumas conferencias na séde e nas provincias; creou-se e principiou a funcionar a Yeshibah Rosh-Pinah (Instituto Teologico Israelita), seminário destinado a preparar os filhos de maranos para o exercicio de funções religiosas, e a tornar-se um foco de cultura religiosa hebraica.

\* \* \*

Seguem-se os mapas descriptivos das varias contas:

1928-29

RECEITAS	ESCUDOS	DESPEZAS	ESCUDOS
Fundo existente em 1 de Julho de 1928 . . . . .	35 794\$35	Despezas gerais . . . . .	7 679\$08
Quotisação e donativos . . . . .	1 867\$00	Instrução Israelita . . . . .	6 175\$68
Subsidio do Portuguese Maranos Committée . . . . .	44.350\$75	Assistencia (Patronato de trabalhadores, etc) . . . . .	4 371\$20
Donativos por impressos e livros de instrução israelita . . . . .	348\$60	Culto . . . . .	462\$80
Donativos para a construção da sinagoga . . . . .	2.160\$00	Instalação (moveis e utensilios) . . . . .	790\$15
Idem para aquisição dum cemiterio privativo . . . . .	1.000\$00	Construção da Sinagoga . . . . .	47 737\$25
		Saldo para 1929-30 . . . . .	18 304\$54
Escudos . . . . .	85 520\$70	Escudos . . . . .	85 520\$70

1929-30

RECEITAS	ESCUDOS	DESPEZAS	ESCUDOS
Fundo existente em 1 de Julho de 1929 . . . . .	18.304\$54	Despezas Gerais . . . . .	13 657\$77
Donativos e quotisações . . . . .	6 065\$77	Instrução . . . . .	7 679\$01
Subsidio do Portuguese Maranos Committée . . . . .	43.270\$00	Assistencia . . . . .	5 771\$95
Instrução (donativos e venda de publicações) . . . . .	8.262\$43	Construção da Sinagoga . . . . .	137 582
Construção da Sinagoga (donativos) . . . . .	131.801\$05	Culto . . . . .	5 200\$10
Instituto Teologico Israelita (donativos) . . . . .	8.267\$60	Instituto Teologico . . . . .	15 076\$82
		Estorno . . . . .	20\$69
Esc. . . . .	215.971\$39	Saldo para 1930-31 . . . . .	30.982\$26
		Escudos . . . . .	215.971\$39

Porto, 16 de Outubro de 1930.

**ERRATA**

Pelo Mahamad (Junta Directora),

No mapa das despesas do ano economico de 1929-30, onde se lê *construção da Sinagoga, 137.582* deve ler-se:

Construção da Sinagoga 137.582\$79

A. C. de Barros Basto

Presidente.